

A PRIMEIRA GRAMÁTICA DA LÍNGUA PORTUGUESA IMPRESSA NO
BRASIL: A *ARTE DE GRAMMATICA PORTUGUEZA* (1816)
DE INÁCIO FELIZARDO FORTES

Rolf Kemmler

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

kemmler@utad.pt

RESUMO:

Este artigo oferece um estudo sobre a *Arte de grammatica portugueza*, do padre Inácio Felizardo Fortes, primeira gramática de língua portuguesa escrita por autor brasileiro a ser publicada no Brasil.

ABSTRACT:

This article offers a research on Father Inácio Felizardo Fortes' *Arte de grammatica portugueza*, the first Portuguese language grammar written by a Brazilian author that has been published in Brazil.

1. Introdução.

Durante os primeiros séculos do Brasil colonial, a impressão e divulgação de qualquer obra metalinguística em forma impressa no Brasil estava condicionada, até inícios do século XIX, pela ausência de prelos e pela obrigatoriedade da fiscalização dos pedidos de licença de impressão por parte do sistema régio e eclesiástico de censura, baseado na capital do reino.

Com a deslocação da corte de Lisboa para o Rio de Janeiro desde finais de 1807 e a subsequente instalação da Imprensa Régia do Rio de Janeiro em 1808, tem início a atividade tipográfica e editorial no Brasil¹.

No que respeita aos inícios da tradição metalinguística propriamente brasileira, é digna de nota a redação e publicação da primeira gramática portuguesa

¹ Para as informações mais essenciais sobre os inícios da Imprensa Régia do Rio de Janeiro, veja-se os textos introdutórios em Camargo / Moraes (1993: XI-XXVIII).

por um autor oriundo do Brasil. No entanto, como se sabe, a primeira edição do *Epitome da grammatica da lingua portugueza* do carioca Antônio de Moraes Silva (1755-1824)² não foi publicada no Brasil, mas sim em Lisboa em 1806.

O testemunho dos elementos bibliográficos conhecidos³ leva-nos a considerar como a primeira gramática publicada no Brasil a *Arte de grammatica portugueza* (1816) do padre Inácio Felizardo Fortes, uma obra até agora aparentemente ‘ilustre desconhecida’ que apresentaremos a seguir.

2. Inácio Felizardo Fortes (?-1858)

É de lamentar que não dispomos de muitas informações sobre o nosso autor, pelo que nos temos que limitar quase inteiramente aos detalhes fornecidos por Sacramento Blake (1895, II: 264):

Ignacio Felizardo Fortes – Presbytero do habito de S. Pedro, nasceu no ultimo quartel do seculo 18º e falleceu em 1856 em Cabo Frio, provincia do Rio de Janeiro, onde exerceu o cargo de professor publico de latim na freguezia de Nossa Senhora da Assumpção por muitos annos e tambem a advocacia. Era reputado como um grande latinista [...]⁴.

Segundo as informações do bibliógrafo brasileiro, o padre Fortes era presbítero secular, tendo nascido em finais do século XVIII e falecido em 1856 em Cabo Frio (RJ). Ainda segundo esta fonte, nota-se como detalhe curioso que Fortes não somente teria exercido o magistério público, mas também a advocacia naquela cidade.

2 Trata-se, com efeito, da terceira gramática da língua portuguesa, cuja primeira edição tenha sido publicada no século XIX. O *Epitome* de Moraes seguiu a duas gramáticas publicadas em 1804, nomeadamente à *Gramatica Portugueza ordenada segundo a doutrina dos mais celebres Gramaticos conhecidos, assim nacionaes como estrangeiros* de Manuel Dias de Sousa (1753-1827) e o anônimo *Compendio da Grammatica da Lingua Portugueza*. Para mais informações sobre estas duas gramáticas oitocentistas, veja-se Kemmler (2013).

3 Aproveitamos para remeter para o repertório bibliográfico de Cardoso (1994) que reúne a maioria das obras metalinguísticas conhecidas desde 1500 até 1920.

4 Algo menos bem informado, o *Diccionario Bibliographico Portuguez* fornece informações ao longo de três entradas. Assim Silva (1859, II: 207) informa: «P. IGNACIO FELIZARDO FORTES, Presbytero secular, natural do Rio de Janeiro. – Nada mais sei de suas circunstancias pessoaes». Em Silva (1883, X: 50) acrescenta-se: «Foi professor da lingua latina», em Silva (1884, XI: 264) o bibliógrafo adiciona «M. depois de 1840 na cidade de Cabo Frio, onde exerceu por muitos annos o cargo de professor publico da lingua latina», referindo como fonte a obra de Cabral (1881: 122, 151).

Não podemos deixar de julgar curiosa a omissão da referência ao lugar de nascimento do gramático. Afinal, não é somente Inocêncio que estabelece a sua naturalidade carioca, mas também o próprio o faz, ao identificar-se como tradutor no rosto da tradução brasileira da *Historia do Brasil* (Fortes 1818, I: [I])⁵.

3. A Arte de grammatica portugueza (1816).

Mesmo que hoje seja uma obra difícil de encontrar nas bibliotecas públicas e particulares (tendo, por isso, passado a ser quase esquecida nos dias de hoje), conseguimos localizar um exemplar da primeira edição nos acervos da Biblioteca Pública e Arquivo Regional da Ponta Delgada (cota CONV. 5087 RES)⁶. Parece evidente que a gramática teve bastante êxito, uma vez que os repertórios bibliográficos informam sobre a existência de, pelo menos, catorze edições até 1862:

– *Arte de grammatica portugueza*, que para uso dos seus discipulos compoz o padre Ignacio Felizardo Fortes. Rio de Janeiro, 1816, in-8.º – Ha varias edições desta grammatica, o que comprova o bom acolhimento que teve. Destas citarei a terceira, mais correcta e augmentada, de 1825; a nona, de 1844, igualmente mais correcta e augmentada; a decima segunda de 1851; a decima terceira de 1855; a decima quarta de 1862, todas do Rio de Janeiro, in-8º (Blake 1895, II: 265)⁷.

5 Trata-se da tradução brasileira, em dois volumes, da obra *Histoire du Brésil: depuis sa découverte en 1500 jusqu'en 1810* do autor francês Alphonse Beauchamp (1767-1832).

6 O exemplar encontra-se em bastante mau estado, com muitos furos de cupim, que por vezes chegam a dificultar a leitura. Será uma mera coincidência curiosa que o único exemplar que conseguimos localizar se encontre precisamente no meio do Atlântico?

7 A respetiva entrada em Inocêncio fornece os nomes dos editores das últimas três edições, omitidos por Sacramento Blake: «442) *Arte de grammatica portugueza, que para o uso dos seus discipulos compoz*, etc. Rio de Janeiro, na imp. Regia, 1816. 8.º - D'esta obra tem-se feito muitas edições, sendo as ultimas registadas no livro acima indicado: *Decima segunda*. Ibi, na typ. de Silva Lima, 1851. 8.º - *Decima terceira*. Ibi, na mesma typ., 1855. 8.º - *Decima quarta*. Ibi, na typ. de N. Lobo Vianna & Filhos, 1862. 8.º» (Silva 1884, XI: 264).

Sendo desprovida de um índice propriamente dito, a estrutura do exemplar da primeira edição de 1816 apresenta-se como se segue:

Conteúdos de Fortes (1816)	páginas
[rosto]	[I]
[página em branco]	[II]
DEDICATORIA.	[III]
[página em branco]	[IV]
PROLOGO.	V-VIII
LIVRO I.	9-19
CAPITULO I. PROEMIO.	9-10
CAPITULO II. Da Etimologia. <i>Do nome substantivo.</i>	10-11
CAPITULO III. <i>Do nome adjectivo.</i>	11-12
CAPITULO IV. <i>Do Pronome.</i>	12-13
CAPITULO V. <i>Do Participio.</i>	13
CAPITULO VI. <i>Dos numeros, e dos casos.</i>	14
CAPITULO VII. <i>Do Artigo.</i>	14-15
CAPITULO VIII. <i>Declinação dos nomes substantivos, e dos pronomes Eu e Tu.</i>	15-17
CAPITULO IX. <i>Da formação do plural dos nomes.</i>	18-19
CAPITULO X. <i>Da formação dos Comparativos, e Superlativos.</i>	19
LIVRO II. Dos generos.	20-24
CAPITULO I. <i>Dos generos conhecidos pela significação.</i>	9-10
CAPITULO II. <i>Dos generos conhecidos pela terminação.</i>	20-21
LIVRO III. Dos verbos.	25-60
CAPITULO I. <i>Dos verbos, e suas divisões.</i>	25-26
CAPITULO II. <i>Conjugação do verbo Ter.</i>	26-31
CAPITULO III. <i>Conjugação do verbo Haver.</i>	32-37
CAPITULO IV. <i>Conjugação do verbo Ser.</i>	37-42
CAPITULO V. <i>Primeira Conjugação.</i>	42-47
CAPITULO VI. <i>Segunda Conjugação.</i>	48-53
CAPITULO VII. <i>Terceira Conjugação.</i>	54-60
LIVRO IV. <i>Dos Preteritos, e participios de verbos.</i>	60-63
CAPITULO I. <i>Dos Preteritos, e participios do preterito da primeira Conjugação.</i>	60
CAPITULO II. <i>Dos Preteritos, e participios do preterito da segunda conjugação.</i>	61-62
CAPITULO III. <i>Dos Preteritos, e participios do preterito da terceira Conjugação.</i>	62
CAPITULO IV ⁸ .	63

8 Este capítulo unicamente contém a seguinte afirmação sobre o verbo ‘pôr’ em Fortes (1816: 63): «O Verbo *Pôr* não segue conjugação alguma, e faz no preterito *puz*, e no participio *posto, posta, e assim os seus compostos*».

LIVRO V. <i>Do Adverbio, Conjunção, Interjeição e Preposição.</i>	64-68
CAPITULO I. <i>Do Adverbio.</i>	64-65
CAPITULO II. <i>Da Conjunção.</i>	66
CAPITULO III. <i>Da Interjeição.</i>	67
CAPITULO IV. <i>Da Preposição.</i>	68
LIVRO VI. <i>Da Prosodia.</i>	69-76
CAPITULO I. <i>Das syllabas primeiras, e medias.</i>	69-70
CAPITULO II. <i>Das ultimas syllabas.</i>	70-76
LIVRO VII. <i>Da Syntaxe.</i>	77-87
CAPITULO I. <i>Da Syntaxe de concordancia.</i>	77-80
CAPITULO II. <i>Da Syntaxe de regencia.</i>	81-82
CAPITULO III. <i>Do Dativo.</i>	82
CAPITULO IV. <i>Do Accusativo.</i>	83
CAPITULO V. <i>Do Ablativo.</i>	84-87
LIVRO VIII. <i>Da Syntaxe figurada.</i>	88-93
CAPITULO I. <i>Das figuras das sentenças.</i>	88-92
CAPITULO II. <i>Das figuras da dicção.</i>	92-93
ERRATAS.	[I]

Por ocupar 93 páginas na sequência maioritariamente paginada, bem como uma página não paginada das ‘Erratas’, o opúsculo de Fortes é claramente uma das obras metalinguísticas mais sucintas desde os inícios da gramaticografia portuguesa até à segunda década de oitocentos. Apesar disso, a gramática apresenta uma divisão em nada menos de oito livros, os quais, por sua vez, se encontram divididos num total de 36 capítulos.

Dentro da lógica da obra, os cinco primeiros livros são inteiramente dedicados ao campo da morfologia, identificado por Fortes (1812: 9) pela designação então habitual de ‘Etimologia’. Ao passo que o sexto livro se dedica à prosódia, os últimos dois livros pertencem ao campo da sintaxe⁹. Como veremos adiante, o autor menciona explicitamente a sua fonte, isto é, a gramática latino-portuguesa do oratoriano António Pereira de Figueiredo (1725-1797). Prescindindo do mesmo grau de profundidade por razões de espaço, consideramos conveniente fornecer uma breve listagem dos conteúdos de um dos nossos exemplares da gramática de Figueiredo:

⁹ A quarta parte da gramática (enunciada como primeira parte em Fortes 1816: 9) é a ortografia que não se contra considerada na obra do nosso autor.

Conteúdos de Figueiredo (1765)	páginas
[rosto]	[I]
[página em branco]	[II]
PROLOGO.	i-xcviii
PROLOGO DA TERCEIRA IMPRESSÃO.	[I]
[citação latina] ¹⁰	[II]
INTRODUCCÃO DOS ELEMENTOS, E PARTES da Oração Latina.	1-4
PARTE I.	5-214
LIVRO I. Do Nome, Pronome, Participio, suas diferenças, e declinações.	5-45
LIVRO II. Do Genero dos Nomes.	46-70
LIVRO III. Do Verbo, suas diferenças, e conjugações.	71-154
LIVRO IV. Dos Preteritos, e Supinos dos Verbos.	155-185
LIVRO V. Da Preposição, Adverbio, Conjunção, e Interjeição.	186-188
LIVRO VI. Da quantidade das Syllabas.	189-214
PARTE II. DA SYNTAXE.	215-262
PROLOGO DA TERCEIRA IMPRESSÃO.	215-217
[citações latinas] ¹¹	[218]
INTRODUCC,ÃO.	[219]
[página em branco]	[220]
LIVRO I. Da Syntaxe de Concordancia.	221-227
LIVRO II. Da Syntaxe de Regencia.	228-247
LIVRO III.	248-262
NOTAS AO NOVO METHODO PARTE I.	263-343
[página em branco]	[344]
NOTAS AO NOVO METHODO PARTE II.	345-363
[Errata]	[I]
PRIVILEGIO.	[II-III]

Como resultado, vimos que a gramática latino-portuguesa está dividida em duas partes. Na primeira parte, os primeiros cinco livros são dedicados à morfologia, o sexto livro contém a prosódia. Já na segunda parte temos três livros, todos eles dedicados a aspetos vários da sintaxe¹².

10 Trata-se de um trecho do retor latino Marcus Fabius Quintilianus (*Instit. Orator*: lib. 12.-cap. 11).

11 Trata-se de quatro trechos latinos de Seneca (*Epist.* xxxiii), dois textos de Horatius (lib., ii, *Epist.* i), e Cicero (*in Oratore* cap. iii).

12 Na essência, podemos observar a mesma macroestrutura (isto é, a divisão em duas partes com seis e três livros, respetivamente) na *Arte da grammatica portugueza* de Lobato (1770), se bem que esta apresente por vezes uns títulos por vezes divergentes.

Parece evidente que Fortes (1816) tenha aproveitado em larga medida a macroestrutura de Figueiredo (1765), considerando na sua divisão bastante similar um total de oito livros em vez dos nove de Figueiredo.

3.1 Paratextos.

A gramática do padre Fortes apresenta dois paratextos interessantes que veremos em seguida. Perante a omissão, no rosto, de qualquer referência à pessoa mencionada na dedicatória, evidencia-se que estamos perante um estilo diferente de dedicatória do que se observa em obras congêneres contemporâneas que maioritariamente costumam apresentar uma referência desta natureza no rosto¹³.

DEDICATORIA.

Ao Illustrissimo Senhor Luiz José de Carvalho e Mello, do Conselho de Sua Magestade, seu Desembargador do Paço, Encarregado da direcção geral dos Estudos.

ILL.^{MO} SENHOR.

OS Conhecimentos, que enriquecem a alma de V. SENHORIA, o amor, que V. SENHORIA tem ás Bellas Letras, e sobre tudo o ser V. SENHORIA o Encarregado da direcção geral dos Estudos, são motivos cheios para que eu dedique a V. SENHORIA a presente Arte de Grammatica Portugueza, que compuz para o uso dos meus discipulos, e que pertendo dar á luz debaixo dos auspicios de V. SENHORIA. As razões, que me movêrão a compô-la, vão expendidas no Prologo, que a precede; e essas mesmas creio que são sufficientes, para que ella mereça a protecção de V. SENHORIA

Deos guarde a V. SENHORIA por muito annos.

13 Mais do que meras *captationes benevolentiae*, as referências à pessoa a quem a obra foi dedicada evidentemente podia igualmente ter fins publicitários. Nestes moldes, não surpreende, que a referência extensa à dedicatória a Sebastião José de Carvalho e Melo (primeiro Marquês de Pombal, 1699-1782) nos rostos das edições setecentistas da *Arte da grammatica da lingua portugueza* (¹1770) de António José dos Reis Lobato, tenha sido reproduzida, embora com algumas reduções textuais, também nas edições posteriores da gramática, ainda décadas após a queda do Marquês (sobre esta obra e as suas edições, veja-se Assunção 2000). Semelhantemente, a referência, no título, à dedicatória a D. Francisco António, Príncipe da Beira (1795-1801), nas primeiras três edições da *Arte da Grammatica Portugueza* (1799) de Pedro José de Figueiredo (1762-1826), põe em evidência a utilidade da referência a uma dedicatória mesmo anos após a morte da pessoa em questão (Cf. Duarte, 2013).

DE V. SENHORIA

O mais reverente venerador

Padre Ignacio Felizardo Fortes.

Como se vê, a dedicatória é dirigida a Luís José de Carvalho e Melo (1764-1826), identificado como membro do Conselho Real, Desembargador na Mesa do Desembargo do Paço e ‘encarregado da direcção geral dos Estudos’¹⁴. No que respeita a este importante político brasileiro da época, o primeiro visconde da Cachoeira, é de notar que a ‘coincidência’ dos apelidos ‘de Carvalho e Melo’ se deve ao facto de o estadista, natural de Salvador da Bahia, ser filho de João de Carvalho e de Antônia Maria de Melo, tendo falecido no Rio de Janeiro em 1826¹⁵.

Apesar de termos consciência de que se trata de uma citação bastante extensa, não queremos deixar de apresentar ainda o seguinte paratexto, dirigido ao leitor da obra:

PROLOGO.

SEndo o estudo da Lingua materna tão necessario, e tão recommendado por tantos homens Sábios de todas as Nações cultas; e sendo por isso o da nossa Lingua determinado nas Aulas de Grammatica Latina pelo Alvará do Senhor Rei D. José, publicado aos 30 de Setembro de 1770, e sendo igualmente certo, que o estado na Lingua Latina entre nós he (como o da Grega entre os Romanos) por onde começamos a carreira das Sciencias, e tão necessario (por isso mesmo que a Lingua Portugueza he em quasi todos os seus vocabulos derivada da Latina) que por mais que qualquer se canse em estudar, só a Portugueza, jámais poderá nem fallá-la, nem escrevêl-a correctamente, por não ter os conhecimentos etimologicos, que só se achão na Latina, não sendo ainda bastantes as regras da Ortografia para escrever com inteira perfeição: e vendo eu, que as Artes Portuguezas até aqui

14 Não conseguimos encontrar qualquer referência que confirme a pertença de Melo à ‘Junta da Diretoria Geral dos Estudos do Reino’, estabelecida em Coimbra no ano de 1800. No entanto, faz sentido que também esta junta tenha tido uma continuação no Brasil após a instalação da corte portuguesa no Rio de Janeiro em 1808.

15 Veja-se o artigo de Azevedo (1869: 89-93), em que se oferece uma breve biografia deste jurista que foi um dos responsáveis pela primeira constituição brasileira.

impressas, sendo algumas muito boas, são tão pouco accommodadas ás Latinas, que conheço por experiencia, que os estudantes, de ordinario impuberes, e por isso faltos de intelligencia para poderem combinar as regras Grammaticaes de huma, e outra Lingua, passando a aprender as da Latina, sendo pela maior parte as mesmas da Portugueza, se persuadem que estão aprendendo regras inteiramente novas: resolvi-me a reduzir as do grande Padre Antonio Pereira de Figueiredo, hoje seguida nas Aulas de Grammatica Latina destes Reinos; resolvi-me, digo, a fazer dellas huma Arte para o uso dos meus Discipulos, e dal-a á luz, tanto para evitar o trabalho das copias manuscriptas, que sempre estão sujeitas a erros, e necessitando de hum novo trabalho de correcção, como para utilidade tambem da mocidade Portugueza, que della se quizer aproveitar. Segui por isso, o mais que me foi possível, as mesmas definições, e regras, e até os mesmos exemplos do Padre Pereira. O tratado da etimologia he quasi todo o mesmo. Nas declinações dos nomes (não fallando na inteira differença, que ha nas duas Linguas) por attender á brevidade, omitti as declinações de adjectivos, e pronomes (excepto os pronomes *Eu*, e *Tu*) tanto por que com summa facilidade se declinão pelos dois substantivos, que servem de exemplo quer com os artigos, quer com proposições; como por que no uso quotidiano de declinar nomes (o que nas Aulas se chama *fazer themas*) fica-se sabendo com facilidade aquillo, que custaria mais tempo, e mais trabalho a decorar. O mesmo observei nos verbos, pois só appresento os tres auxiliares, e as tres conjugações regulares: os irregulares, sabidos aquelles, com muita facilidade se sabem, conjugando-se em themas todos os dias, e na correcção delles mostrando o Mestre, onde se apartão da regularidade das conjugações. A Syntaxe he quasi toda a mesma do Padre Pereira: e deste modo, tendo hum estudante aprendido os preceitos Grammaticaes da Lingua Portugueza, e passando para a Latina, aprende os preceitos desta em metade, e ainda em menos de metade do tempo, em que alias os poderia aprender; e até com muito mais facilidade, e perceção, por ir entrando no conhecimento de huma Lingua estranha pelos mesmos principios, por onde aprendeo a sua. Conhecerá finalmente o Público respeitavel, que se não fiz huma obra inteiramente digna da sua acceitação, ao menos foi o meu trabalho dirigido á sua utilidade (Fortes 1816: [V]-VIII).

Partindo do celeberrimo alvará de 30 de setembro de 1770, com o qual a *Arte da grammatica da lingua portugueza* de Lobato chegou a ser consagrada como a primeira gramática oficial do ensino da língua portuguesa no âmbito das aulas de latim, Fortes acaba por constatar que mesmo aquelas gramáticas dignas de atenção ‘são tão pouco accommodadas ás Latinas’, de modo que pretende oferecer uma gramática portuguesa aproximada ao modelo latino.

Para conseguir a desejada proximidade entre o modelo gramatical latino e a sua gramática da língua portuguesa, o autor refere ter optado, como se

explicita no trecho citado, por e um resumo da gramática latina do oratoriano português António Pereira de Figueiredo (1725-1797), por ser ‘hoje seguida nas Aulas de Grammatica Latina destes Reinos’. Perante esta referência à fonte, ficamos, porém, com a dúvida se Fortes está a referir-se ao manual erudito *Novo methodo da grammatica latina, dividido em duas partes: para o uso dos mestres das escolas da Congregação do Oratorio* (Figueiredo ¹1752/1753, ⁵1765) ou à versão compendiada *Novo methodo de grammatica latina, reduzido a compendio* (¹1756, ¹¹1814) que tinha sido declarada como gramática oficial do ensino linguístico da primeira reforma pombalina ¹⁶.

No que respeita à proximidade com o modelo latino-português, o gramático brasileiro é semelhantemente explícito ao constatar que utilizou “[...] as mesmas definições, e regras, e até os mesmos exemplos do Padre Pereira”. Vejamos, então, algumas definições essenciais nesta obra, sempre em confronto com outras obras contemporâneas de relevo, nomeadamente com as respetivas obras de Figueiredo e Lobato.

3.2 A definição do conceito de ‘gramática’.

Na obra de Inácio Fortes, o conceito de ‘gramática’ encontra-se explicado da seguinte maneira:

GRAMMATICA Portugueza he huma arte, que ensina a fazer sem erros a oração Portugueza.

Divide-se em quatro partes, que são: *Ortografia, Prosodia, Etimologia, e Syntaxe*. Ortografia he huma parte da Grammatica, que ensina a escrever certo.

Prosodia he huma parte da Grammatica, que ensina a quantidade das syllabas, para se pronunciarem com o devido som.

Etimologia he huma parte da Grammatica, que ensina a natureza das palavras, e as suas propriedades.

Syntaxe he huma parte da Grammatica, que ensina a compôr a oração.

16 Proíbe o artigo 7.º do alvará régio de 28 de junho de 1759 (reproduzido com base no original manuscrito em Kemmler 2007: 506) que «[...] daqui em diante se ensinará por outro Methodo q̃ não seja o novo Methodo da Gramatica Latina, reduzido a compendio p.º uzo das Escolas da congregaçãõ do oratorio, composto por Antonio Pereira da mezma Congregaçãõ: ou a Arte da Gramatica Latina reformada por Antonio Felis Mendez Professor em Lix.ª». Com certamente não menos de umas cinquenta edições entre as duas variantes da gramática latina do autor, parece que hoje a gramática em duas partes seja algo mais conhecida do que o compêndio. No entanto, é de constatar que ainda faltam estudos de maior envergadura tanto sobre a obra como sobre as suas edições...

Oração he a comprehensão de sugeito, verbo, e passiente com as circumstancias, que occorrem.

Circunstancia he tudo aquillo, que não he, nem o sugeito, nem o verbo, nem o passiente.

As partes da oração Portugueza são nove: *Artigo, Nome, Pronome, Verbo, Particípio, Adverbio, Conjunção, Interjeição, e Preposição* (Fortes 1816: 9-10).

Nesta série de definições, o nosso gramático não fornece somente uma definição normativa da gramática, mas também oferece no mesmo âmbito a definição das quatro partes da gramática e enumera as nove partes da oração.

Na gramática latino-portuguesa de Figueiredo igualmente encontramos a designação da gramática como ‘arte’, sendo o conceito normativo ‘livre de erros’ relacionado com a oração, ou seja, como a ‘Oração Latina’¹⁷:

A GRAMMATICA Latina he huma Arte, ou Collecção de Regras, e preceitos, que ensinão a fazer com acerto, e livre de erros a Oração Latina. Desta Oração, que he o fim da Grammatica, são partes as vozes, as syllabas, e as letras (Figueiredo 1765: 1).

Foi já no seu estudo sobre a *Arte da grammatica portugueza* (1770) de António José dos Reis Lobato que o investigador português Carlos Assunção (2000: 57) teve ensejo de chamar a atenção para a correspondência conceptual e mesmo textual entre esta obra e a gramática latino-portuguesa de Figueiredo¹⁸. Face à óbvia importância da obra de Lobato na gramaticografia contemporânea, julgamos que será oportuno ver também as definições do gramático português:

A GRAMMATICA Portugueza he a Arte, que ensina a fazer sem erros a oração Portugueza.

Desta definição se collige ser a oração Portugueza o fim das regras da Grammatica Portugueza

Consta a Grammatica Portugueza de quatro partes, que são: Orthografia, Prosodia, Etymologia, e Syntaxe.

A Etymologia, de que havemos de tratar em primeiro lugar, he a parte da Grammatica, que ensina as diversas especies de palavras, que entrão na oração Portugueza, e as suas propriedades (Lobato 1770: 1-2).

17 É de constatar que o compêndio de Figueiredo (1814) não apresenta nenhuma das características que se mencionam no presente capítulo.

18 Com efeito, Assunção (2000: 57-98) destaca as fortes semelhanças entre as duas obras ao longo de boa parte do seu estudo.

A comparação entre os trechos torna evidente que a definição do termo ‘gramática’ de Inácio Fortes coincide quase literalmente com aquela que encontramos na gramática escolar de Lobato. Semelhantemente, também a enumeração e a ordem das partes da gramática (‘Orthografia’ > ‘Prosodia’ > ‘Etymologia’ > ‘Syntaxe’) coincidem. Esta coincidência não deixa de ser notável, especialmente se considerarmos que ambas as obras mantêm a disposição anterior da gramática latino-portuguesa de Figueiredo (1765) ao considerar somente três das referidas partes numa sequência alterada (‘Etymologia’ > ‘Prosodia’ > ‘Syntaxe’), partilhando a característica de não conterem qualquer livro próprio dedicado à ‘Orthografia’¹⁹. No que diz, enfim, respeito às definições das partes da gramática, todas do tipo ‘[...] he huma parte da Grammatica [...]’, parece-nos que deverão ser consideradas como próprias do gramático brasileiro.

Na gramática do oratoriano, a ordem na enumeração das oito partes da oração é a seguinte:

AS vozes, de que como partes pôde constar a Oração Latina, se reduzem commumente a oito, a saber, Nome, Pronome, Participio, Verbo, Preposição, Adverbio, Conjunção, Interjeição, ainda que esta ultima (fallando rigorosamente) mais seja Oração, que parte da Oração, como em seu lugar veremos (Figueiredo 1765: 3).

Sem qualquer reflexo das correntes modernas da gramaticografia latina de então²⁰, Figueiredo limita-se a referir o sistema clássico da gramaticografia latina, considerando oito partes da oração. Já António José dos Reis Lobato aumenta este número para o português, pois considera o artigo como a primeira das nove partes da oração, passando, para além disso, a enumerar o ‘Participio’ depois do ‘Verbo’:

Na lingua Portugueza ha nove especies de palavras, de que como partes pôde constar a oração Portugueza, a saber: *Artigo, Nome, Pronome, Verbo, Participio, Preposição, Adverbio, Conjunção, Interjeição*. Destas as primeiras cinco são declinaveis, por variarem a terminação, isto he, a ultima syllaba com mudança, ou accrescentamento de letras; e as outras são indeclinaveis, por conservarem sempre a mesma terminação. De todas trataremos por sua ordem (Lobato 1770: 7).

19 A gramática de Lobato nunca foi completada por um livro ou capítulo ortográfico da autoria do próprio autor. No entanto, como documenta Assunção (2000: 32, 34, 36, 37) acontece que alguns livreiros que reeditaram a gramática chegaram a completá-la ao juntar-lhe opúsculos metaortográficos de vários autores pelo menos em 1824, 1831, 1841, 1842, 1849.

20 Quer dizer, sem qualquer reflexo tangível da *Minerva* (1587) do espanhol Sanchez de las Brozas (1587) ou do método de Port-Royal na *Nouvelle méthode pour apprendre la langue latine* (1644) dos franceses Claude Lancelot e Antoine Arnauld.

Se excetuarmos a ‘Preposição’ que Fortes relega para o nono lugar (em vez do quinto lugar em Lobato) entre as partes da oração, observamos que a ordem das partes da oração coincide mais com a gramática portuguesa do que com a latino-portuguesa.

3.3 A definição do termo ‘nome’ e das suas subcategorias.

No atinente ao termo ‘nome’ e às subcategorias ‘substantivo’ e ‘adjectivo’, o nosso gramático fornece as seguintes definições:

O Nome he huma voz, com que se dão a conhecer as cousas; assim como: *O homem; Bom.*

O nome ou he substantivo, ou adjectivo. Substantivo he aquelle, que pôde estar na oração sem adjectivo; como quando dizemos: *O Poeta canta.*

Adjectivo he aquelle, que não pôde estar na oração sem substantivo; como quando dizemos: *O capitão prudente manda* (Fortes 1816: 10).

Na sua definição semântica do nome²¹, Fortes apresenta dois exemplos, nomeadamente ‘*O homem*’ e ‘*Bom*’, evidenciando que para ele o nome inclui tanto o substantivo como o adjectivo. Ambas as subcategorias são definidas através do critério relacional. Como vemos adiante, os exemplos ‘*O Poeta canta*’ e ‘*O capitão prudente manda*’ também se encontram na gramática latino-portuguesa de Figueiredo:

O NOME he huma voz, com que arbitrariamente se nomeão as cousas, suas qualidades ou attributos, sem que por esta voz se exprima exercitarem-se ellas em determinado tempo, assim como *Cælum* o Ceo, *Arbor* a arvore, *Bonus* bom, *Similis* semelhante.

O Nome ou he substantivo, ou adjectivo. Substantivo he aquelle, que por si só, isto he, sem adjectivo, pôde estar na Oração, como quando dizemos: *Poeta canit*, o Poeta canta. Adjectivo he aquelle, que para estar na Oração depende de algum substantivo claro, ou occulto, com quem concorde, e faça sentido completo: claro, como quando dizemos: *Dux prudens imperat*, o Capitão prudente manda, onde o adjectivo *prudens* tem claro o seu substantivo *Dux*: occulto, como quando dizemos: *Infans vagit*, o infante chora, onde o adjectivo *infans* tem occulto o seu substantivo *puer*, que se entende (Figueiredo 1765: 5-6).

21 No sentido de Schäfer-Prieß (2000: 128).

A citação permite a observação que a definição de nome, substantivo e adjetivo é algo mais elaborada gramática do oratoriano, sendo apresentados mais exemplos em latim e português do que encontramos em Fortes. Semelhantemente, o gramático brasileiro omite qualquer referência à natureza arbitrária que Figueiredo (1765: 5) atribui ao relacionamento entre o nome e as coisas significadas²². Também em Lobato encontramos definições algo semelhantes:

NOme he huma voz, com que se nomeão as cousas, e as suas qualidades, assim como *Esmeralda*, que significa huma cousa; e *Verde*, que desta cousa, ou de outra semelhante significa a qualidade de ter a cor verde.

O Nome ou he Substantivo, ou Adjectivo.

Substantivo he aquelle, que por si só, isto he, sem dependencia do Adjectivo, significa completamente huma cousa, assim como *Ceo*, *Terra*.

[...]

O Nome Adjectivo he aquelle, que significa a qualidade da cousa, que significa o Nome Substantivo; pelo que delle depende para fazer sentido completo, como v. g. o Adjectivo *Branco*, que por si só não faz sentido completo, por significar a qualidade de huma cousa que tem a cor branca, mas como por si só não exprime qual ella-seja, por isso depende de se ajuntar a hum Nome Substantivo; assim como *Neve*; *Cal*, ou outro semelhante, que signifique a cousa, da qual elle exprime a qualidade de ter a cor branca (Lobato 1770: 9-12).

Devemos, no entanto, observar, que entre os exemplos que acompanham as definições de Lobato somente o exemplo ‘*Ceo*’ se encontra retomado da gramática latino-portuguesa.

Ao passo que Figueiredo (1765) e Lobato (1770) oferecem alguma divergência, é precisamente no início do compêndio do oratoriano que encontramos aquilo que consideramos a fonte imediata e literal de Fortes para estas definições:

O Nome he huma voz, com que se dão a conhecer as cousas, assim como *Homo*, o homem: *bonus*, Bom.

O nome ou he substantivo, ou adjectivo. Substantivo he aquelle, que pôde estar na oração sem adjectivo, como quando dizemos: *Poeta canit*, o Poeta canta. Adjectivo he aquelle, que não pôde estar na oração sem substantivo, como quando dizemos: *Dux prudens imperat*, o capitão prudente manda (Figueiredo 1814: 1).

²² Será que nesta afirmação de Figueiredo podemos entender uma noção comparável com o conceito do ‘principe de l’arbitraire du signe’ de Ferdinand de Saussure (1995: 100)?

Para além de alguns casos ligeiramente diferentes de pontuação, observa-se como única diferença significativa que a gramática latino-portuguesa do oratoriano. Verifica-se a mesma definição semântica do nome como a encontramos na obra posterior de Fortes.

3.4 A definição do termo ‘Adverbio’.

Numa definição bastante sucinta, a categoria do advérbio é apresentada como modificador de nome ou verbo, merecendo, porém, destaque o critério da ausência de qualquer variabilidade morfológica:

ADverbio he huma voz indeclinavel, que junta ao nome, ou verbo exprime o modo, ou circunstancia da significação de hum, e outro (Fortes 1816: 12).

Observa-se que a definição do gramático oratoriano é quase idêntica²³. Somente o conceito da ‘significação arbitraria’ e os exemplos não foram retomados pelo gramático brasileiro.

O Adverbio he huma voz indeclinavel de significação arbitraria, que junta ao verbo ou nome exprime o modo ou circumstancia da significação de hum, ou outro: como quando dizem: *Valde eruditus*, muito erudito; *Lente incedis*, andas de vagar (Figueiredo 1765: 188).

Também na gramática de Lobato encontramos o critério morfológico da ausência de declinação e a natureza modificadora do advérbio. No entanto, tanto o critério semântico da ausência de um significado próprio²⁴, como os exemplos que se seguem imediatamente à definição, devem ser consideradas como inovações do gramático português setecentista:

ADverbio he huma voz indeclinavel, que por si só não significa nada completamente; mas junta na oração a outra palavra, lhe declara o modo da sua significação. Exemplo. Quando digo v. g. *Pedro fallou eloquentemente*, a palavra *eloquentemente* he adverbio, que junta ao verbo *fallou* exprime o modo, ou circumstancia da acção de fallar, que o dito verbo significa, isto he, declara que a acção de fallar foi com eloquencia (Lobato 1770: 170).

23 Curiosamente, não encontramos em Figueiredo (1814) qualquer definição do advérbio, nem muito menos de preposição, conjunção e interjeição.

24 Veja-se também Schäfer-Prieß (2000: 214).

3.5 A definição da ‘Syntaxe’ e das suas subcategorias.

No início do sétimo livro da obra de Inácio Felizardo Fortes encontramos a seguinte definição da última parte da gramática que principia com o estabelecimento da distinção entre a sintaxe natural e a sintaxe figurada:

A Syntaxe ou he natural, ou figurada. Syntaxe natural he, a que se funda nas regras geraes, e ordinarias da Grammatica, qual he, v. g. concordar o verbo finito com o seu nominativo em numero, e pessoa. Syntaxe figurada consiste no uso das figuras. Figura he todo o modo de fallar, que se aparta do vulgo. Quanto melhor for o uso de certas figuras, tanto mais elegante ficará a oração.

A Syntaxe natural ou he de concordancia, ou de regencia. Tractaremos em primeiro lugar da natural, e em ultimo tractaremos das Figuras da Syntaxe (Fortes 1816: 14).

Para além da distinção em sintaxe propriamente dita (que distingue por sua vez em sintaxe de concordância e de regência), Fortes considera entre a sintaxe aquilo que hoje é mais conhecido como ‘figuras de estilo’ ou ‘figuras de retórica’. Ora, aquilo que ocupa todo o livro VIII em Fortes (1816: 88-93) não encontra qualquer reflexo nos três livros da parte correspondente na gramática latino-portuguesa de Figueiredo²⁵:

Esta palavra *Syntaxe* he Grega, e significa o mesmo que a Latina *Constructio*, isto he, huma construcção recta ou composição bem ordenada das partes da Oração entre si. Esta Syntaxe ou he de Concordancia ou de Regencia. Syntaxe de Concordancia he v. gr. quando duas partes da Oração concordão, e convem huma com outra no mesmo predicado: como quando assim o Verbo, como o Nominativo significão a primeira pessoa: ou quando o adjectivo concorda em genero, numero, e caso com o seu substantivo. Syntaxe de Regencia he v. gr. quando huma parte da Oração, por força do seu modo de significar, determina outra, para que se ponha neste ou naquelle caso. Destas duas especies a Syntaxe de Concordancia occupará o primeiro Livro, e a da Regencia os outros dous (Figueiredo 1765: [219]).

Nesta definição não muito similar fica evidente que Figueiredo parece considerar apenas duas partes da sintaxe, ou seja, a concordância e de regência. No que diz, porém, respeito à concordância entre a forma finita do verbo e o nominativo, é algo mais adiante que encontramos aquilo que provavelmente terá servido como fonte a Fortes:

²⁵ Em Figueiredo (1814: 82) não se encontra qualquer definição de sintaxe.

O Verbo do modo finito pede antes de si nominativo, claro ou occulto, do mesmo numero e pessoa (Figueiredo 1765: 221).

No que respeita, enfim, a gramática portuguesa de Lobato, parece-nos evidente o parentesco com grande parte do esforço definitório de Figueiredo:

Syntaxe he a recta composição das partes da oração entre si.

[...]

A Syntaxe ou he simplez, ou figurada. Da figurada trataremos em lugar separado. Syntaxe simplez, ou regular he a composição das partes da oração, ordenada conforme as regras geraes da Grammatica.

A Syntaxe simples ou he de concordancia, ou de regencia (Lobato 1770: 191-192).

No entanto, podemos constatar que também Lobato faz questão de distinguir entre syntaxe propriamente dita (que chama ‘syntaxe simplez’) e a syntaxe figurada. Tanto este facto como a coincidência textual quase inteira da última frase que distingue entre as duas partes da syntaxe leva-nos a crer que, neste caso, a obra de Lobato também poderá ter servido como modelo para as afirmações de Fortes.

Conclusão.

A obra que julgamos ser a primeira gramática da língua portuguesa, impressa no Brasil e redigida por um autor oriundo do território nacional, é a *Arte de grammatica portugueza* que Inácio Felizardo Fortes (?-1856), presbítero secular e professor da língua latina em Cabo Frio, mandou publicar no prelo da Imprensa Régia do Rio de Janeiro em 1816. Mesmo que exemplares originais hoje só dificilmente possam ser localizados, o número de pelo menos catorze edições que nos referem as bibliografias nacionais de Inocêncio da Silva (1884) e Sacramento Blake (1895) leva-nos a constatar que a obra deve ter gozado de bastante êxito editorial na época, o que vai em desencontro com o esquecimento pela investigação moderna que parece ignorar a sua importância histórica.

Dedicada ao político brasileiro Luís José de Carvalho e Melo (1764-1826), a gramática de Fortes apresenta um prólogo bastante elaborado em que o autor refere ter-se baseado na obra de António Pereira de Figueiredo (1725-1797). É precisamente através da orientação pela gramática latino-portuguesa do oratoriano português que Fortes vê a fundamentação mais crucial da sua obra, pois pretende fornecer uma gramática portuguesa, próxima do modelo latino,

que facilitasse aos alunos a aplicação dos conhecimentos adquiridos na língua materna na aprendizagem posterior do latim. Neste sentido, Fortes afasta-se marcadamente de gramáticas de cariz ‘moderno’ que tiraram proveito dos frutos da *grammaire générale* francesa do século XVIII, de entre as quais é de destacar o compatriota Antônio de Moraes Silva.

Do breve confronto de algumas definições de termos exemplares como ‘Grammatica’, ‘Nome’, ‘Adverbio’ e ‘Syntaxe’ no *Novo methodo da grammatica latina* (51765) e *Novo methodo de grammatica latina, reduzido a compendio* (111814) de Antônio Pereira de Figueiredo e a *Arte da grammatica da lingua portugueza* (1770) de Antônio José dos Reis Lobato resulta não parecer crível que Fortes apenas se tenha baseado na gramática de Figueiredo, conforme anuncia.

Se a definição do nome permite constatar uma correspondência textual quase perfeita com as definições originais do oratoriano naquela que foi a gramática latina oficial do ensino de latim desde 1759 (Figueiredo 1814), já a definição do advérbio evidencia uma influência (se bem que algo menos nítida) não da obra escolar, mas sim do *Novo methodo* na sua versão completa (Figueiredo 1765). Para além disso, é notável que Fortes reproduz (com algumas adaptações, claro) a macroestrutura que encontramos em Figueiredo (1765).

Sendo inegáveis as influências que cada uma das duas gramáticas de Figueiredo exerceu sobre a *Arte de grammatica portugueza*, não poderá, por outro lado, ser negada a influência do manual escolar de Lobato, que nos parece mais evidente nos nossos trechos relativos à gramática e à sintaxe.

Realmente, parece-nos fazer todo o sentido que Fortes tenha aproveitado não somente os conteúdos explanados no *Compendio* e o *Novo Methodo* de Antônio Pereira de Figueiredo (conforme se anuncia no prólogo), mas também alguns conteúdos escolhidos da *Arte de grammatica da lingua portugueza* de Antônio José dos Reis Lobato (que por sua parte tende a coincidir com o *Novo Methodo* de Figueiredo). Mesmo perante a omissão de uma referência explícita à fonte portuguesa, a consideração de uma influência lobatiana na gramática algo mais tradicional de Fortes faz todo o sentido, uma vez que a obra de Lobato era a gramática oficial da língua portuguesa, cujo conhecimento era obrigatório a todos os professores públicos de latim.

Referências bibliográficas.

- ASSUNÇÃO, Carlos da Costa (2000): *A Arte da Grammatica da Lingua Portugueza de António José dos Reis Lobato: Estudo, edição crítica, manuscritos e textos subsidiários*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- AZEVEDO, Manuel Duarte Moreira de (1869): «A constituição do Brazil: noticia historica lida no Instituto Historico e Geographico Brasileiro», em: *Revista trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil* 32/II, págs. 72-112.
- BEAUCHAMP, Alphonse / Fortes, Inácio Felizardo (1818, I): *HISTORIA DO BRASIL / DESDE A SUA DESCUBERTA ATE' 1810, / A QUAL CONTE'M / A origem da Monarchia Portugueza; o / quadro do reinado dos seus Reis, das / conquistas dos Portuguezes na Africa, e / na India; a descuberta, e descrição do / Brasil; o numero posição, e costumes / das povoações Brasileiras; a origem, e / os progressos dos estabelecimentos Por- / tuguezes; o quadro das guerras successi- / vas tanto dos naturaes com os Portu- / guezes, como destes com diferentes / nações da Europa, que procurarão es- / tabelecer-se no Brasil; em fim a historia / civil, politica, e commercial, as revolu- / ções, e o estado actual deste vasto paiz: / ESCRITA EM FRANCEZ / POR / MR. AFFONSO DE BEAUCHAMP, / E TRADUZIDA EM PORTUGUEZ / PELO / PADRE / IGNACIO FELIZARDO FORTES, / Professor de Lingua Latina, e natural do / Rio de Janeiro. // RIO DE JANEIRO. NA IMPRESSAM REGIA. / 1818. / Com Licença da Mesa do Dosembargo / do Paço.*
- BLAKE, Augusto Vitorino Alves Sacramento (1883-1902): *Diccionario Bibliographico Brasileiro*, 7 volumes, Rio de Janeiro: Na Imprensa Nacional, Obra reeditada em reprodução fac-similada, Nendeln; Liechtenstein: Kraus Reprint, 1969.
- CABRAL, Alfredo do Valle (1881): *Annaes da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro: de 1808 a 1822*, Rio de Janeiro: Typographia Nacional.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida / Moraes, Rubens Borda de (1993): *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro*, 2 volumes, São Paulo: Edusp; Livraria Kosmos Editora.
- CARDOSO, Simão (1994): *Historiografia Gramatical (1500-1920): Língua Portuguesa - Autores Portugueses*, Porto: Faculdade de Letras do Porto (Revista da Faculdade de Letras, Série Línguas e Literaturas; Anexo 7).
- DUARTE, Sónia (2013): «As edições da Arte da Grammatica Portugueza de Pedro José de Figueiredo», em: *Revista de Letras* 11 (II.ª Série, 2012) ISSN 0874-7962, p. 67-104.

- [FIGUEIREDO], António Pereira [de] (1765): *NOVO / METHODO / DA / GRAMMATICA LATINA; / DIVIDIDO EM DUAS PARTES; / Para o uso dos Mestres das Escolas da Con- / gregação do Oratorio, / SEU AUTHOR / ANTONIO PEREIRA, / Padre da mesma Congregação de Lisboa. / QUINTA IMPRESSÃO. // Lisboa, / Na Officina de Miguel Manescal da Costa, / Impressor do Santo Officio. / ANNO M. DCC. LXV. / Com as licenças necessarias, e Privilegio Real.*
- [FIGUEIREDO], António Pereira de (1814): *NOVO / METHODO / DA / GRAMMATICA LATINA, / REDUZIDO A COMPENDIO / PELO / P. ANTONIO PEREIRA / Da mesma Congregação. / Para uso das Escólas da Congregação do Oratorio, na / Real Casa de N. S. das Necessidades, e das deste / Reino, e suas Conquistas; por Decreto de Sua Ma- / gestade Fidelissima de 28 de Julho de 1759. / DECIMA PRIMEIRA IMPRESSAM. // LISBOA: / NA IMPRESSAM REGIA. / ANNO 1814. / Com Licença. / Vende-se na Portaria do Hospicio de Nossa Senhora / das Necessidades.*
- FORTES, Inácio Felizardo (1816): *ARTE / DE / GRAMMATICA / PORTUGUEZA, / QUE PARA O USO DOS SEUS DISCIPULOS / COMPOZ / O PADRE / IGNACIO FELIZARDO FORTES, / Professor de Lingua Latina. // RIO DE JANEIRO. / NA IMPRESSÃO REGIA. / 1816. / Com Licença da Mesa do Dezembargo do Paço.*
- KEMMLER, Rolf (2007): *A Academia Orthográfica Portuguesa na Lisboa do Século das Luzes: Vida, obras e actividades de João Pinheiro Freire da Cunha (1738-1811)*, Frankfurt am Main: Domus Editoria Europaea (Beihefte zu *Lusorama*; 1. Reihe, 12. Band).
- KEMMLER, Rolf (2013): «Subsídios inéditos para o estudo das primeiras gramáticas portuguesas do século XIX», em: *Revista de Letras* 11 (II.ª Série, 2012) ISSN 0874-7962, p. 133-143.
- LOBATO, António José dos Reis (1770): *ARTE / DA GRAMMATICAM / DA LINGUA / PORTUGUEZA. / COMPOSTA, E OFFERECIDA / AO ILL.^{MO} E EXC.^{MO} SENHOR / SEBASTIÃO JOSÉ / DE CARVALHO E MELLO, / Ministro, e Secretario de Estado da Sua Magestade Fidelissima da / Repartição dos Negocios do Reino, Alcáide Mór da Cidade de / Lamego, e Senhor Donatario das Villas de Oeyras, Pombal, / Carvalho, e Cercosa, e dos Reguengos, e Direitos Reaes da / de Oeyras, e de Apar de Oeyras, Commendador das Com- / mendas de Santa Marinha de Mata de Lobos, e de S. / Miguel das tres Minas na Ordem de Christo, &c. / PELO BACHAREL / ANTONIO JOSE' DOS REIS / LOBATO. // LISBOA. / Na REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA / Anno MDCCLXX. / Com licença da Real Meza Censoria.*

- SAUSSURE, Ferdinand de (1995): *Cours de linguistique générale*, Publié par Charles Bailly et Albert Sechehaye, avec la collaboration d'Albert Riedlinger, Édition critique préparée par Tullio de Mauro, Postface de Louis-Jean-Calvet, Paris: Éditions Payot & Rivages (Grande Bibliothèque Payot).
- SCHÄFER-PRIESS, Barbara (2000): *Die portugiesische Grammatikschreibung von 1540 bis 1822: Entstehungsbedingungen und Kategorisierungsverfahren vor dem Hintergrund der lateinischen, spanischen und französischen Tradition*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag (Beihefte zur Zeitschrift für Romanische Philologie; 300).
- SILVA, António de Morais (1806): *EPITOME / DA / GRAMMATICA / DA / LINGUA / PORTUGUEZA, / COMPOSTA / POR / ANTONIO DE MORAES SILVA, / Natural do Rio de Janeiro. // LISBOA. M. DCCCVI. / NA OFF. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA. / Com licença da Meza do Desembargo do Paço. / Vende-se na loja de Borel Borel, e Companhia.*
- SILVA, Inocêncio Francisco da (1858-1958): *Diccionario Bibliographico Portuguez: Estudos de Innocencio Francisco da Silva applicaveis a Portugal e ao Brasil; [a partir do volume IX: continuado e ampliado por Brito Aranha]*, 23 volumes, Lisboa: Na Imprensa Nacional, Obra reeditada em reprodução fac-similada, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, s.d.